

As novas mídias e as práticas educativas: literatura e cinema em ambiente escolar

Renato de Oliveira Dering ¹ UFG/CAJ
Elisandra Filetti - UFG²

RESUMO: Literatura e cinema são linguagens que têm sido trabalhadas sem promover o interesse de estudantes. Estudar literatura e cinema em salas de aula requer certa preocupação, pois não podem ser utilizados como meros instrumentos de apoio. Trata-se de gêneros discursivos que permitem acompanhar as transformações sociais. Logo, é preciso verificar como estes se constituem, e para isso, foi trabalhado o conto e o roteiro cinematográfico em uma turma de 3º ano de Ensino Médio, no *Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG)*. Considerando a interrelação entre Literatura e Cinema, trabalhou-se elementos linguísticos e literários que permeiam o ensino-aprendizagem.

Palavras-Chave: cinema, conto, roteiro cinematográfico

ABSTRACT: Literature and cinema are two different arts that have been worked on without raising student's interests in many classes around the country. Studying Literature and cinema in a classroom demands a certain amount of worry and study, since these tools shouldn't be used in the class just for the sake of it. They deal with different discursive genres, which allow us to follow and keep track of social transformations. Thus, it is necessary to understand how they work and how they are constituted, and to accomplish that, movies were worked with in a high school 3rd year group at *Centro de Ensino Aplicada à Educação (CEPAE/UFG)*. Considering the interrelation between Literature and Cinema, we worked with linguistic and literary elements which made learning possible.

Keywords: cinema, short-story, script.

Ler assume hoje um significado tanto literal, sendo, nesse caso, um problema da escola, quanto metafórico, envolvendo a sociedade (ou, ao menos, seus setores mais esclarecidos) que busca encontrar sua identidade pesquisando as manifestações da cultura.

Regina Zilberman

¹ Professor de Literatura na Universidade Federal de Goiás ó Campus Jataí. Mestre em Letras (Estudos Literários) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Graduado em Letras pela Universidade Federal de Goiás (UFG). renatodering@gmail.com

² Professora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE-UFG). Doutoranda em Letras e Linguística pela UFG, Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Graduada em Letras pela UFG. elisandra.filetti@yahoo.com

Diante da acelerada evolução da sociedade, que a cada dia nos surpreende com inúmeras novidades, a Educação e a didática de ensino parece ainda procurar seu espaço nesse novo rearranjo social e cultural. Áreas como a literatura e o cinema perdem seu principal papel na escola, passando a meros coadjuvantes no processo de ensino-aprendizagem. Tanto a literatura quanto o cinema são utilizados como materiais de simples apoio, perdendo sua funcionalidade no meio escolar. A informação rápida, os meios de comunicação via satélite e tantos outros fatores são constantes e contribuem para que os conteúdos estudados em sala de aula percam sua conectividade com o estudante, devido à velocidade das informações processadas por outros meios e também ao desconhecimento da importância dessas linguagens.

Antes de quaisquer inferências, pontuamos que, talvez não seja o ensino que se encontra defasado, como o senso comum costuma dizer, mas as práticas de ensino que não acompanham os inúmeros avanços do atual contexto social. Esse distanciamento se torna mais claro, por exemplo, quando observamos as maneiras como são realizadas as leituras de livros literários nas escolas, ou na identificação e produção de textos, sejam atividades realizadas em escolas públicas ou privadas. Esse modo como são desenvolvidas revela que, quando se fala de gêneros literários, por exemplo, os livros didáticos, geralmente, abordam o assunto em caixas fechadas, com qualidades, defeitos e esquema de ideias (BUNZEN, 2006). Esse modo de ensino, com moldes estabelecidos e presos, está ultrapassado, observando que um gênero permeia outros e atendem às mudanças necessárias de cada estilo, e como Bakhtin afirma, todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e [...] aos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 265).

Onde há estilo há gênero. A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que não lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero. Desse modo, tanto os estilos individuais, quanto os da língua satisfazem aos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003, p.268).

Quando se trata da utilização de livros literários, a situação segue semelhantemente à maneira de utilizá-los em sala de aula. Ler livros em tempos que o audiovisual tomou conta de crianças, adolescentes e também dos adultos é um exercício árduo e cansativo ao extremo, sem privar aqui do exagero. Podemos perguntar, em qualquer sala de aula de aula, quantos estudantes leram o livro que deu origem ao filme *Senhor dos Anéis* ou *Harry Potter*. Sem dúvida, irei constatar que a maioria responderá ter assistido apenas à película, para depois ler os livros, ou nem isso. Ainda, ao utilizar um modo comparativo, perguntando a proporção

entre a leitura de livros e a ida ao cinema durante o ano letivo, a resposta poderá não se modificar até acentuando para uma proporção menor do hábito de leitura.

Verificando esse quadro, uma coisa é certa: é preciso aproximar a escola dos alunos. O cinema estabelece um sistema de referências inesperado sobre o fluxo da realidade social, permitindo, assim, o desenvolvimento de todas as questões relativas à experiência humana e sua expressão (GRILO, 2008, p.167). João Mario Grilo, docente da Universidade Nova de Lisboa (UNL), disponibilizou em livro, uma de suas cadeiras no curso de licenciatura em Ciências da Comunicação, *As lições do cinema*. Nele, trabalha os processos de filmagem em vinte e três lições que constituem a disciplina de Filmologia. O conceito pode parecer restrito à imagem em movimento, contudo cabe perfeitamente ao ensino de literatura, pois ela não está solta entre as disciplinas, como aparenta. O senso comum e parte do corpo docente ainda não preparado para a inclusão das novas mídias em sala de aula veem a literatura deslocada na escola. Ela é enchimento de estante, suporte para gramática, suporte para redação, *suporte para mesa quebrada*. Esse consenso, já cristalizado por muitos, deixa de lado a função da literatura. A literatura é de oposição: ela tem o poder de contestar a submissão ao poder (COMPAGNON, 2009, p. 34). E desse modo, não seria incoerente afirmar que a literatura é composta por faces, que vão sendo estabelecidas conforme espaço, tempo e, principalmente, aceitação dos leitores. Justamente esse último fator que é preocupante, a literatura, seja ela de *best-seller* ou *culta*, perdeu seu espaço no meio escolar. Como aproximar a literatura dos alunos? Como relacioná-la às novas mídias e ao ensino?

2. A EVOLUÇÃO DO CINEMA E SUA INSERÇÃO EM SALA DE AULA

A evidência parece ser clara: o cinema é o meio de comunicação que mais atraiu pessoas desde seu surgimento, no final do século XIX com os irmãos Lumière e, posteriormente, com o ilusionista Georges Méliès. Em seu surgimento, na França, inúmeras pessoas quiseram ver a chegada de um trem à estação, ou ainda, ver pessoas andando por ruas parisienses e cenas corriqueiras, todas gravadas pelos Lumière. A imagem ganhava movimento naquele instante, apavorando muitos e despertando o interesse de outros. Méliès, com ideias novas e roteiros simples, mas imaginativos, viajava a lua e fazia de sua cabeça

notas musicais (DUARTE, 2002). Logo, a imaginação tomou conta da imagem em movimento. Não bastava filmar o cotidiano, mas poder imaginá-lo, ôdar asas à imaginaçãõ.

As pessoas não buscavam ver sua realidade nas telas, o que buscavam os espectadores de cinema era a vontade de suprir o paradoxo desejo de ter outro mundo dentro do seu (GRILO, 2008). Assim, a imaginação é fator preponderante no cinema, bem como na literatura, ressaltemos aqui. Pois, enquanto no cinema a imagem está estabelecida, na leitura de livros ela é projetada pela cabeça do leitor, permitindo que a imaginação flua conforme seus desejos, suprimindo a vontade de ser o que não é, estar onde não está e viver o que gostaria de vivenciar.

Por essa perspectiva, pontuamos uma diferença entre literatura e cinema: assistir a películas é mais cômodo e cansa menos. A facilidade em se poder ver um filme, seja na televisão, cinema, DVD e até mesmo na Internet, prática usual e comum hoje em dia, é outra razão que torna esse audiovisual mais próximo dos alunos e, por consequência, parece distanciá-los dos hábitos de leitura de livros. Sem dúvida, boa parte desse afastamento se deve ao poder da mídia durante todo o século XX, e ainda mais forte nesse início de século XXI. Mesmo com o aparecimento recente dos *e-books*, ler livros na tela de um computador é mais desgastante que ler filmes. As imagens em movimento parecem dizer mais e serem mais compactas, desse modo, acompanham o que o mundo contemporâneo pede, confirmando o ditado popular que diz: *uma imagem vale mais que mil palavras*. Essa afirmação nos leva a um segundo fator, e um dos mais preocupantes: os alunos preferem não ôperder tempoõ lendo. A imagem parece lhe dizer o que quer, de forma concisa e rápida, o que tornaria essa linguagem mais apropriada e objetiva. Contudo é um erro pensar que uma linguagem suprime outra. Nesse ponto, se retoma a questão: Será mesmo que o audiovisual é mesmo tão claro e objetivo que repudia outros gêneros?

É importante ressaltar que, quando falamos em Educação, tanto a imagem, quanto mil palavras podem dizer muito mais e se fazer entendidas de maneira plena, expondo ideias e utilizando de capacidade de argumentação do leitor. Aqui, salientamos, trata-se de artes diferentes e que não buscam suprimir umas as outras, mas se complementam e transcrevem o mundo cada uma a seu modo. Ou seja, nenhuma arte, tem por função substituir outra, mas dizer de outro modo, em consonância ao seu tempo. A fotografia não se apropriou da pintura, assim como o cinema não tomou o lugar da literatura e nem o fará. São artes distintas e com valores próprios.

O que se percebe na Educação, em linhas gerais, é que a escola ou algumas perspectivas de ensino equivocadas tratam tais linguagens/artes como tábua de espartilho para preencher espaços vagos na escola. São materiais de segundo plano, seja para enfatizar um assunto ou para cobrir lacunas nos horários escolares. Contudo, tememos que a transmissão de imagem implica [...] pelo menos uma dupla fase cognoscitiva: o conhecimento do problema que se quer comunicar e a possibilidade que essa comunicação, por sua vez, produza conhecimento (GIACOMANTONIO, 1981, p.32). Esse fator põe em cheque o modo como esses novos meios estão sendo trabalhados ainda no ambiente escolar.

Esse segundo fator, ou seja, o modo de utilização dessas linguagens, também traz consigo outros agravantes ao ensino de literatura, e, um deles está no que esse estudante escolhe para ler. Não pontuamos aqui boa ou má literatura, mas níveis diferentes de recepção. A leitura de clássicos compõe a grade do ensino de literatura no Ensino Básico: José de Alencar, Machado de Assis, Castro Alves, Luís de Camões e Fernando Pessoa, entre outros, são alguns nomes que constam nos manuais ou nos programas de ensino, seguidos à risca por muitos educadores de Literaturas em Língua Portuguesa.

O ensino de literatura, entretanto, exige mais que apenas ler clássicos na maneira antiga de ensino e dizer que foram importantes. Contextualizar e mostrar os elementos primordiais que o fazem clássicos é, sem dúvida, o primeiro passo para mudar o rumo de ensino da literatura, passando de mera informação a conhecimento, sendo que a primeira é o ato de dizer sobre algo ou alguém e a segunda é a relação entre o conteúdo, recepção e contextualização feita pelo interlocutor ou mediador, possibilitando um diálogo entre as partes. Tal como pontua Candido (1993), o importante ao se estudar literatura é verificar o que o texto diz e não simplesmente dizer que ele é relevante ao estudo. Instigar o estudante a se tornar um leitor, enfatizemos, é papel do professor.

É preciso que, tanto o professor, quanto o aluno leiam de tudo, o primeiro para auxiliar o estudante e estar sempre se renovando, o segundo, além disso, para identificar o que acha apropriado e relevante a si. O docente é responsável por demonstrar uma gama de possibilidades e como elas são recebidas na sociedade. Porém, acima disso, o professor não deve privar leituras por gosto, ou seja, devido ao fato de ele ou a academia acharem desapropriadas, e sim desenvolver um leitor independente, capaz de realizar suas escolhas e dialogar com elas e para isso o professor deve selecionar a leitura de clássicos ou não a partir de critérios relevantes, tais como valor estético e linguístico da obra e sua influência na sociedade, tal como ela se porta e é recebida. A escola seleciona entre os vários gêneros

literários aqueles que representem um trabalho estético literário, o que não implica a rejeição de obras recém-lançadas ou que caíam no gosto comum.

Nesse ponto, cabe ao professor ser o mediador entre a relação do aluno com o conhecimento. Assim como o docente não é um palestrante, no sentido restrito da palavra, o aluno não é um espectador, que digere seco o que lhe é passado. Conexões das matérias escolares e seus receptores são necessários e fundamentais no processo ensino-aprendizagem. Essa conectividade perpassa o simples ato de dizer a importância de um autor e não identificá-lo quanto à obra, tempo e espaço (BRASIL, 2006). Não é trazer um filme baseado em seus livros e dizer que o cinema está presente nas práticas escolares. Essa relação deve estar pautada na leitura de mundo do aluno e do professor como interlocutores, acompanhando as evoluções da sociedade e dos saberes educativos. O filme não deve ser trabalhado como um coadjuvante nas práticas escolares, pois tudo que o engloba é linguagem, ou seja, o filme é um agente educador possuidor de práticas discursivas e reflexivas acerca de diversos pontos educativos e sociais (DUARTE, 2002).

Como linguagem rica e sensorialmente composta, o cinema, enquanto meio de comunicação, está aberto a todos os tipos de simbolismos e energias literárias e imagística, a todas as representações coletivas, correntes ideológicas, tendência estética e ao infinito jogo de influências no cinema, nas outras artes e na cultura de modo geral (STAM, 2008, p. 24).

3. LITERATURA E CINEMA NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Para trabalhar essas práticas educativas que envolvem literatura e cinema, e perceber as influências da sétima arte, selecionamos dois gêneros específicos para o projeto: conto e roteiro cinematográfico. Para verificar o processo de introdução e análise desses gêneros, foi escolhida uma turma de terceiro ano do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação o CEPAE, da Universidade Federal de Goiás (UFG). A turma foi acompanhada durante todo o ano de dois mil e dez. A turma, com média de trinta alunos, possui faixa etária entre dezesseis e vinte anos. O CEPAE é uma unidade da UFG voltada ao ensino e pesquisa no Ensino Fundamental e Médio, e, diferenciada das demais escolas de ensino básico, tem também como função receber estagiários da Instituição Federal Superior supracitada para que desenvolvam seus projetos e atividades de estágio. A docente responsável pela turma escolhida e também

orientadora desta pesquisa foi a Mestre em Estudos Linguísticos Elisandra Filetti, professora efetiva do CEPAE/UFG.

Para o desenvolvimento do trabalho referente à literatura, através do gênero conto, *Livro dos Homens*, de Ronaldo Correia de Brito, foi a obra escolhida. Essa, relaciona-se principalmente pela temática regionalista e humanística que perpassa os contos, trabalhando a cultura e o imaginário de uma sociedade. Outro fator que contribuiu para a escolha desta obra está no fato do livro ser uma das obras indicadas para o processo seletivo da UFG no mesmo ano, tanto no vestibular ocorrido no meio do ano, quanto ao final dele.

Quanto ao roteiro cinematográfico, alguns títulos já filmados foram usados, com ressalva para dois: *Se Eu Fosse Você*, do roteirista Carlos Gregório e direção de Daniel Filho, e, *Houve uma vez dois verões*, escrito e dirigido por Jorge Furtado. A escolha foi baseada por serem obras brasileiras de boa representatividade no cenário cinematográfico. A primeira por estar entre os filmes mais assistidos no cenário fílmico nacional, a segunda por possuir um enredo próximo dos alunos, segundo minha percepção. Outras obras foram utilizadas, como *Paixão de Varanda*, de Saulo Dourado, estudante de jornalismo do estado da Bahia que gentilmente cedeu o direito de uso do conto e do filme adaptado de sua obra.

A ideia em trabalhar literatura e cinema nas práticas escolares se estabeleceu, principalmente, para mostrar as diferenças e também as possibilidades de uso desses gêneros em sala de aula, tornando perceptível ao aluno as características pertencentes a cada um deles. Com base nos contos do *Livro dos Homens*, foi proposta a criação de um roteiro cinematográfico para verificar as possibilidades de uma transposição de gêneros e observar como os alunos perceberam a entrada desses novos gêneros em ambiente escolar. Trazer essas possibilidades para se trabalhar literatura e cinema foi um dos principais objetivos dessa pesquisa. Ainda, fazer com que os alunos percebessem que a literatura, proporcionalmente ao cinema, não são apenas artes para serem trabalhadas de forma ômaneiraô ou ôdivertidaô, como mencionado nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006). Elas são compostas por discursos que devem ser utilizados no processo de ensino-aprendizagem. Logo, verifica-se a importância de estudar a interface desses dois gêneros, e também suas relevâncias no contexto socioeducativo. Desse modo, percebo que ão cinema [e a também a literatura] pode[m] ainda veicular a mágica persuasiva dos sonhosô despertando nesse aluno um ser social, atuante e, acima de tudo, pensante (STAM, 2008, p. 33, grifo nosso).

Como o objetivo deste trabalho consistiu em realizar uma aproximação entre literatura e cinema e propiciar a reflexão dessas artes em sala de aula, a discussão de forma

aberta foi um diferencial para verificar aspectos dos gêneros literários e discursivos, tais como suas formas de apresentação e representação dentro do ensino de Língua Portuguesa e Literaturas em Língua Portuguesa, podendo ser ainda aberto às demais disciplinas, trabalhando a interdisciplinaridade proposta pelos Parâmetros e Orientações Curriculares. Leituras individuais e coletivas dos contos, roteiros e filmes foram propostas para que os estudantes observassem como as linguagens se portam e para que os alunos pudessem realizar análises acerca do proposto.

Para mediar e inferir sobre as análises, aulas teóricas sobre literatura e cinema foram elaboradas, e sempre contextualizadas ao momento em que foram produzidas e acerca do modo de elaboração e realização das obras. Essa mediação funciona como norte para esse tipo de abordagem, pois toda crítica viva é isto, que empenha a personalidade do crítico e intervém na sensibilidade do leitor é parte de uma impressão para chegar a um juízo, e a histórica não foge a essa contingência (CANDIDO, 1993, p. 33). E nesse sentido, o professor, como mediador e, ainda crítico, deve introduzir em seus alunos essa percepção mais abrangente dos conteúdos, sempre os relacionando com as possibilidades possíveis.

Atividades, ainda, foram realizadas durante esse processo, sendo a elaboração de um roteiro adaptado de um conto ou trecho de um conto, do *Livro dos Homens*, e a atividade final proposta aos alunos, levou a verificação da pesquisa, acerca da compreensão do gênero proposto, tal como sua importância dentro da escola.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo processo de realização dessa pesquisa pôde ser percebido como diferentes formas de exercer a docência auxiliam na dinamização e otimização dos processos de ensino-aprendizagem. A literatura, estudada através do gênero conto, abordou desde sua história, leitura até a interpretação e análise da narrativa, realizada juntamente com os alunos. Foi aberto o olhar dos estudantes para outras perspectivas do estudo da contística, observando aspectos socioeducativos e fazendo relações com demais gêneros, como soneto, curta-metragem e outros, à medida que foi pertinente. Essa relação foi fundamentada principalmente pela linguagem do cinema, abordando o roteiro cinematográfico como um gênero discursivo pertinente ao ensino em sala de aula.

Mas qual a importância em se conhecer outros gêneros literários e artísticos em ambiente escolar? A cada leitura de um texto, o indivíduo antecipa a visão do todo, por ter o conhecimento prévio dos paradigmas dos gêneros a que ele teve acesso nas suas relações de linguagem (BRANDÃO, 2001, p. 37). Por essa razão que o reconhecimento do gênero, como produto dessas relações, não pode ser tratado na escola como forma fechada, pois ele é heterogêneo e, de maneira ampla, dialogam entre si a todo o momento e acompanham as mudanças da própria sociedade. E como Bakhtin, citado por Brandão (2001) propõe, a linguagem deve ser trabalhada como uma prática social, ou seja, se devem levar em conta demais aspectos que o estruturalismo não daria conta. Logo, as ações de linguagem se concretizam discursivamente dentro de um gênero do discurso, como um processo de decisão (BRANDÃO, 2001, p. 26).

Com essa proposta de se trabalhar literatura e cinema, se pretendeu despertar nos alunos o interesse pelo conhecimento e perceber como se realizam essas interações dos gêneros propostos com o ensino, fugindo do estereótipo que livros e filmes são simples suporte para se ensinar outras disciplinas. Ainda, como interatuam com a vida prática e como suas funções se estabelecem na escola e na sociedade. Essa mesma questão é proposta pelas *Orientações Curriculares Para o Ensino Médio*:

Imersos nesses tempos, mais do que nunca se faz necessária a pergunta: por que ainda a Literatura no currículo do ensino médio se seu estudo não incide diretamente sobre nenhum dos postulados desse mundo hipermoderno? (BRASIL, 2006, p. 52).

É função da escola mostrar aos alunos como a leitura reflexiva dos filmes, assim como dos livros literários, é necessária nesse mundo hipermoderno. Ambas incutem mudanças no indivíduo, por isso o *como* esse meio pode e deve ser trabalhado nas escolas deve ser discutido em reuniões, cabendo aos professores utilizarem esse instrumento a seu favor para despertar o interesse pelo conhecimento e não para cobrir espaços vagos da escola.

Trazer o cinema para a sala de aula vai além de dar o *play* em um filme, é trazer uma linguagem, e como toda linguagem, ela contém princípios e ideologias. O cinema, como a literatura, são narrativas que possuem um poder interativo e significativo sobre seus leitores e, sem dúvida, elas interferem no sujeito, assim como o inverso ocorre, numa relação mútua de aprendizado e troca de conhecimento. A ideia de que filmes (...) podem incutir opiniões e produzir, principalmente nos espectadores mais jovens ou menos escolarizados, é relativamente corrente (DUARTE, 2002, p. 56). Tal ponto de vista é reforçado por Turner, em *Cinema como prática social*, que trabalha o cinema, a cultura, ideologia e o público a qual

as películas são destinadas. Os filmes são, portanto, produzidos e vistos dentro de um contexto social e cultural, por meio de suas narrativas, que vai além do prazer da história (TURNER, 1997, p.69). Não se assiste a um filme apenas por assistir, ele carrega consigo uma gama de significações que devem ser analisadas e percebidas, principalmente em ambiente escolar, onde se entende como um lugar de troca de saberes e crescimento do indivíduo. Os estudos sobre a recepção colocam um termo no reino exclusivo do *lector in fábula* para analisar as relações concretas entre os textos difundidos pela televisão e as significações que alcançam efetivamente os telespectadores (DAYAN, 2009, p.65).

A literatura e o cinema andam juntos e ambos têm uma função mediadora, de transformar o que se vê e lê, não só na escola, mas na sociedade. Não há nada mais aberto que um texto fechado. Mas esta abertura é efeito da iniciativa externa, um modo de usar o texto (ECO, 1993, p. 61).

Cabe ao professor abrir esse livro fechado a seus alunos e intermediar o conhecimento entre ambos. Em sala de aula, se tem um público que virá a ser (e muitos já são) ativo(s) na sociedade, pois a educação de jovens reflexivos é de suma importância em um mundo globalizado e de informações apressadas. A didática dos professores deve acompanhar essa rapidez e trazer para esse ambiente escolar maior possibilidade de interface entre literatura e cinema, neste caso. Ainda, estar aliada à propriedade do conhecimento.

Ambas as linguagens são próximas e propõem um desencadeamento de um sistema de ideias provenientes de questões sociais e culturais de determinados povos. Não se trata apenas de meros registros contados e repassados, cada história é característica e acarreta peculiaridades. Dessa maneira, pode-se dizer que a literatura modifica essa linguagem comum, e se afasta do cotidiano. Logo, se tem que a literatura não se preocupa com o imediato e não tem a funcionalidade em ser objetiva (EAGLETON, 1993). É nessa abertura que as leituras proporcionam que deve estar atento o professor em sala de aula. Por tal razão, se torna ainda mais necessária a proximidade dessas duas artes em contexto escolar, pois elas propiciam maneiras diferenciadas em se ver o ensino e traduzem as necessidades de uma juventude influenciada pelo capitalismo exacerbado, advinda de um mundo contemporâneo que busca uma identidade (HALL, 2006). O profissional que se utiliza desses recursos em ambiente escolar para aproximar o conhecimento de seus alunos é um profissional capaz de modificar o sujeito, ao menos não deixar essa possibilidade de lado, saindo da questão utópica, muito discutida na educação e passando a uma questão real, que deve estar presente nas salas de aula.

O papel do professor é crucial para desenvolver nesse aluno a capacidade de reflexão e instigá-lo à atuação. É o professor que repassa o conhecimento e excita seu aluno a pensar. Kupfer (2001) levanta que um dos aspectos a serem vistos é que a escola deve começar a ver o aluno como sujeito e não como objeto. É preciso que esse educador se torne consciente de seu papel e realmente atue junto com seus alunos em sala de aula. Se o professor não atiga o aluno ao aprendizado reflexivo, que estímulo esse aluno terá em aprender? O cinema, hoje, é um dos meios que trazem esse estímulo, uma vez que os séculos XX e XXI estão marcados fortemente pelas narrativas õpráticasö. Observando essa tendência da sociedade, é preciso õtestarö novas práticas na tentativa de aproximar os discentes dessa realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. I Vol. 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC/SEB, 2006.

BUNZEN, Clecio. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no ensino médio. In. BUNZEN, C. MENDONÇA, M. [et al]. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. Vol. 1. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1993.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

DAYAN, Daniel. Os mistérios da recepção. In. FEIGELSON, K. FRESSATO, S. B. NÓVOA, J. (Orgs.). *Cinematógrafo: um olhar sobre a história*. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Ed. UNESP, 2009. pp.61-82.

DUARTE, Rosália. *Cinema e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

ECO, Umberto. *Leitura do Texto Literário ó Lector in fabula*. Lisboa, Presença, 1993.

GIACOMANTONIO, Marcello. *O ensino através dos audiovisuais*. Trad. Danilo Q. Morales e Riccarda Ungar. São Paulo: USP, 1981.

GRILO, João Mario. *As lições do cinema*. Lisboa: Colibri, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KUPFER, Maria Cristina. *Educação para o futuro: Psicanálise e Educação*. São Paulo: Escuta, 2001.

STAM, Roberto. *A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação*. Trad. Marie-Anne Kremer e Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

TURNER, Graeme. *Cinema como Prática social*. São Paulo: Summus, 1997.

Recebido em 10 de dezembro de 2012.

Aprovado em 20 de janeiro de 2013.